



A ESPIRITUALIDADE NA PRÁTICA





R. PAUL STEVENS

A ESPIRITUALIDADE NA PRÁTICA

ENCONTRANDO DEUS NAS COISAS SIMPLES E COMUNS DA VIDA



Editora Ultimato
Viçosa, MG

A ESPIRITUALIDADE NA PRÁTICA
Categoria: Espiritualidade/Vida Cristã

Copyright © 2003 por R. Paul Stevens
Publicado originalmente por InterVarsity Press, EUA
Todos os direitos reservados

Primeira edição: Outubro de 2006
Revisão: Bernadete Ribeiro
Capa: Marcelo Moscheta

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Stevens, R. Paul, 1937-

S845e
2006

A espiritualidade na prática: encontrando Deus nas coisas simples e comuns da vida / R. Paul Stevens ; tradução Jorge Camargo. – Viçosa, MG: Ultimato, 2006. 264p.

Título original: Down-to-earth spirituality : encountering God in the ordinary, boring stuff of life.

ISBN 85-86539-96-1
978-85-86539-96-1

1. Espiritualidade. 2. Espiritualidade – Doutrina bíblica. 3. Jacó (Patriarca bíblico) – Família. 4. Bíblia. A.T. Gênesis XXV-L – Biografia. I. Título.

CDD. 22.ed. 204

PUBLICADO NO BRASIL COM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

Para Gail

Amada e linda como Raquel

Fiel e frutífera como Lia

Sumário

Prefácio

Introdução

A Espiritualidade “Mundana” de Jacó

1. No Nascimento
A História de Rebeca: Gênesis 25.19-28
 2. Nas Refeições
A História de Esaú: Gênesis 25.27-35; 27.1-40
 3. Na Família
A História de Isaque: Gênesis 26-27
 4. No Sono
A História dos Anjos: Gênesis 28.10-22
 5. Na Conquista
A História de Raquel: Gênesis 29.1-14
 6. No Casamento
A História de Lia: Gênesis 29.14-30
 7. No Trabalho
A História de Labão: Gênesis 29.14-20; 31.10-13
 8. Na Conversão
A História do Homem-Deus: Gênesis 32.26-28
 9. No Sexo
A História de Diná: Gênesis 34
 10. No Lar
A História de Betel: Gênesis 35
 11. No Chamado
A História de José: Gênesis 37-50
 12. Nas Roupas
A História de Tamar: Gênesis 38
 13. No Fim
A História de Judá: Gênesis 42-50
 14. Na Morte
A História de Efraim: Gênesis 48.1-22; 49.29-33
- Epílogo
Apêndice A: A Árvore Genealógica
Apêndice B: A História Resumida — Gênesis 25-50
Notas

Prefácio

As páginas a seguir contam a história de Jacó de um modo que surpreenderá você. Não se trata de um mero sermão, embora o autor tenha extraído dela implicações importantes para a vida cristã nos dias atuais. Também não se trata de um comentário acadêmico que enche a mente de informações históricas, escrito em estilo rebuscado, embora os toques delicados do pincel da pesquisa estejam evidentes em todo o texto. Trata-se de uma reflexão profunda sobre a fascinante história bíblica de Jacó, com seus dramas e intrigas, sua graça e loucura.

Há décadas Paul Stevens se encantou pela história desse patriarca de Israel. Além da cuidadosa leitura acadêmica, ele aplicou à história bíblica muitas de suas várias experiências: como missionário, obreiro entre estudantes universitários, pastor, marido e pai, carpinteiro, conselheiro matrimonial, educador transcultural e professor de teologia do mercado no Regent College.

Como conseqüência, a pessoa de Jacó não permanece congelada em um mundo religioso antigo. Ao contrário, sua história ganha uma relevância incomum para a espiritualidade cristã contemporânea. De certa forma, ela torna-se a nossa história.

Dois temas bastante significativos se destacam nessa reedição da narrativa sobre Jacó. Um é teológico, o outro é ético e prático.

Ao mesmo tempo em que há muita coisa exemplar na figura patriarcal de Jacó, há igualmente muita coisa mesquinha sobre esse enganador e criador de intrigas. A textura mais profunda dessa história não se detém muito no exemplo de Jacó, mas se concentra na aliança de fidelidade de Deus, que mostra sua misericórdia e graça a um homem intensamente falho. Por meio de seu amor constante, Deus transforma Jacó em uma pessoa de fé e humildade. Assim, teologicamente, essa história celebra a misteriosa mão de Deus na biografia, no contexto e nos movimentos de um dos patriarcas de Israel.

O segundo tema significativo gira em torno das interações e personificações sociais. A história de Jacó é contada por meio das coisas que dão concretude à vida — comer, dormir, sonhar, trabalhar, conquistar alguém, casar-se, criar uma família, morrer. Nessa história bíblica complexa e dramática, observamos a tapeçaria da vida com toda a sua ingenuidade, coragem e fraqueza humanas, e a surpreendente participação do Deus que nos acompanha em nossa jornada.

Este livro surpreenderá o leitor. Em sua narrativa apaixonada e em sua linguagem, na maioria das vezes, lírica, estão os contornos da história de amor que todos somos chamados a viver: uma história que vê todas as atividades humanas como sagradas, a vida inteira como uma sinfonia para a glória de Deus, como uma oração e um sacramento, como tendo um propósito na formação da comunidade dos homens e como uma bênção para a família, os amigos, os vizinhos e os estranhos.

A Espiritualidade na Prática foi escrito não apenas para informar, mas para nos incitar a viver a vida intensamente.

Charles Ringma
REGENT COLLEGE

Introdução

A espiritualidade “mundana” de Jacó

Certa vez li uma história hassídica sobre um professor que, diziam, havia vivido uma vida rara e abundante. Depois de sua morte, perguntaram a um de seus alunos: “O que era mais importante para o seu professor?” O aluno respondeu: “O que ele estivesse fazendo no momento”.

SUE MONK KIDD

Simplemente existir é uma bênção. Simplemente viver é santo.

ABRAHAM JOSHUA HESCHEL

Li um livro fascinante sobre as fases da vida de uma pessoa. Senti como se ele estivesse contando a minha história. Cada estágio de minha vida estava catalogado e era tratado com precisão psicológica, como se houvesse um míssil daqueles que procuram somente os pontos onde se concentra o calor — a faixa dos vinte, quando me casei, a dos trinta, quando me estabeleci profissionalmente, e assim por diante, com todos os pontos de transição mais sensíveis (por volta dos trinta, dos quarenta e dos cinqüenta) caracterizados por mudanças, questionamentos profundos e tentativas de reformular a vida. Eu estava seguindo

o padrão, conformado à norma. De repente pensei: “Isto de modo algum explica minha vida”.

O que dá sentido à minha jornada — às experiências diárias e às transições — é Deus. A *providência* de Deus significa que ele me dirige e que minha vida não é um amontoado de acidentes. O *propósito* de Deus significa que ele me envolve em uma missão irresistível, capaz de transformar o mundo. E as *boas-vindas* de Deus significam que eu sei, contínua e profundamente, que ele me aceita, me aprova e — mais impressionante de tudo — tem prazer em mim.

Tudo isso eu sei desde os dezoito anos, quando fui pela primeira vez tocado pelo amor de Cristo. Mas essas revelações têm vindo, em termos gerais, através de mais de quarenta anos debruçado sobre uma porção das Escrituras — a história de Jacó. Nela eu descobri uma fé “mundana” (como que torcida e espremidada) de um personagem do Antigo Testamento que me ajuda a viver no centro das coisas do dia-a-dia, em vez de nos arredores, em retiros e atividades religiosas.

Normalmente, no entanto, não olháriamos para Jacó como modelo de vida santa. Ele não é uma imagem de porcelana a ser exposta na prateleira dos heróis espirituais.

O nome Jacó pode significar “engano”, e ele faz jus ao seu nome. Ele é manipulador, desonesto e agressivo — não se qualificaria como membro irrepreensível de uma igreja. Jacó é uma pessoa com sérias falhas de caráter, crescendo em uma família desajustada. Ele está sempre se metendo em uma confusão ou saindo dela ou a ponto de criar outra.¹ Não aceitaríamos que ele desse um curso sobre oração ou se tornasse nosso mentor espiritual para fazer com que nossas vidas estivessem centradas em Deus. Mas ele possui uma qualidade redentora que domina a história como um todo — ele quer Deus. Ele tem uma obsessão por ser abençoado por Deus. Ele quer uma vida cheia de bênçãos. E quem não quer?

Jacó possui uma paixão “pródiga” porque, como a palavra sugere, o seu coração para com Deus é extravagante, exuberante e até mesmo dado ao exagero. Ele chega a mentir e enganar para obter a bênção se esse for o único jeito. Jacó é qualquer coisa, menos apático.

Mas assim também é Deus. Ele está sempre atrás de Jacó, procurando-o e encontrando-o, sempre compreendendo-o, ligando para o seu telefone, sempre aparecendo nos lugares mais improváveis, especialmente quando as situações se tornam perigosas. Assim, só podemos dizer (com todo o respeito) que o amor de Deus também é pródigo – maravilhosamente extravagante.

O necessário, o doméstico e o mundano

Tudo isso acontece em circunstâncias muito comuns, o necessário, o doméstico e o mundano: comer, dormir, viajar, ter desejo sexual, encontrar uma companheira para a vida, criar os filhos e trabalhar pelo pão diário.

Vemos Deus iluminando todas as passagens da vida de uma pessoa – o nascimento, a juventude, a chegada da fase adulta, o sair de casa, o estabelecer-se numa profissão, casar-se, tornar-se pai ou mãe, retornar às raízes, tornar-se avô ou avó e finalmente dizer adeus a este mundo. A história de Jacó nos leva do útero ao túmulo, ou, mais precisamente, da concepção à ressurreição. Mostra-nos uma espiritualidade terrena, como a demonstrada na vida de Jesus, a pessoa mais humana que jamais passou pela história. Jesus era o convidado favorito para jantar em Jerusalém; andava lado a lado com cobradores de impostos, era tocado por prostitutas, saía para pescar e trabalhava em uma carpintaria. A verdadeira espiritualidade não nos faz anjos, mas plenamente humanos – como Jesus.

Deus está com Jacó não somente nas epifanias especiais da escada para o céu e da luta noite adentro com o anjo do

Senhor, mas em todas as rotinas diárias de sua vida. Não vemos Jacó “indo à igreja”, embora tenha erguido altares e memoriais de adoração. Na maioria das vezes, descobrimos que Deus está com Jacó em casa, viajando pelas estradas poeirentas que levam a Arã, trabalhando nas terras de seu sogro, cativando seus vizinhos e se reconciliando com seu irmão. Olhando através das lentes da vida de Jacó, observamos como tentação e vitória espiritual, escuridão espiritual e revelação dada por Deus acontecem quando acordamos e quando dormirmos, em casa, no escritório, na fábrica, na igreja, na escola e nas ruas.

Para Jacó, esses eventos que alimentam a alma estão localizados (como iremos explorar capítulo por capítulo) no útero (Rebeca), à mesa (com Esaú), em casa (com Isaque), lá fora no campo (os anjos de Deus), ao lado de um poço (Raquel), em uma tenda (Lia), na fazenda abastecendo a gamela (Labão), ao lado de um vau (o anjo do Senhor), em uma cidade pagã (Diná), em um palácio estrangeiro (José), através de uma má amizade (Judá) e em um leito de morte (Efraim). Jacó e nós, os leitores, encontramos Deus em casa e na rua, no trabalho e no lazer, na companhia de outros e na solidão. Somos encontrados por Deus quando damos nome a um filho, fazemos uma refeição, nos relacionamos em família, trabalhamos duro, nos apaixonamos, nos casamos (e descobrimos que casamos com “a pessoa errada”), temos filhos e encaramos o supremo assunto impronunciável: a nossa própria morte. Com Jacó não olhamos simplesmente *para* a vida, e sim *dentro* dela. Desse modo, a vida diária ganha um novo encanto, e recebemos uma espiritualidade que pode ser vivida na estrada, e não somente na igreja.

A Bíblia não é um manual de instruções que contém princípios de espiritualidade – como levar a si mesmo e Deus a sério, como tornar seu trabalho diário um ministério santo. Ela não é

um guia de auto-ajuda para os que estão perplexos e famintos espiritualmente. Ela é uma história — uma história sobre Deus em busca da humanidade e sobre o estabelecimento progressivo do reino de Deus na terra. E essa história envolvente é contada por meio de histórias (como a que iremos contar). A Bíblia nos fala de Deus e da fé ao usar a expressão “Era uma vez...”. A narrativa é o estilo dominante na Bíblia.² Henry R. Luce, fundador da revista *Time*, comentou em tom sarcástico: “Não foi a *Time* que começou a contar histórias sobre as pessoas; foi a Bíblia”.³ E essas histórias nos atraem, não só porque têm o estilo do “era uma vez”, mas porque falam a nós em nosso tempo. Possuem um significado primeiro relacionado diretamente aos personagens envolvidos, suas lutas e alegrias, e um significado secundário que tem um sentimento e um valor universais que nos ligam a elas.

O narrador inspirado as descreve como elas são, com uma honestidade marcante e uma habilidade extraordinária. Ele permite que tiremos nossas próprias conclusões, nos convidando a exercitar o discernimento. Assim sendo, raramente encontramos um comentário moralista, do tipo: “Jacó errou ao tentar receber a bênção que pertencia a seu irmão com uma mentira”. Em vez disso, somos expostos ao efeito bumerangue, em que Jacó, o enganador, torna-se aquele que foi enganado.⁴ O método indireto do autor inspirado torna-se então o mais direto. Fé, esperança e amor são, digamos, espremidos de nós de modo surpreendente e agradável. Somos achados por Deus bem onde estamos, especialmente em nossos relacionamentos. Exploraremos essa história por meio de cada uma das pessoas que cercam Jacó — sua mãe (Rebeca), seu irmão (Esaú), seu pai (Isaque), suas esposas (Raquel e Lia), seu sogro (Labão), seus filhos (Diná, José e Judá), seus netos (Tamar, Efraim e Manassés), estranhos que ele encontra ao longo do caminho (Siquém) e até mesmo anjos.

A história universal

No livro de Gênesis aprendemos mais sobre Jacó do que sobre Abraão e Isaque (seu avô e seu pai, respectivamente) juntos. Jacó é o primeiro a se apaixonar na Bíblia, ou seja, o primeiro a mostrar o que é viver uma paixão avassaladora. Ele é também o primeiro trabalhador na Bíblia — não somente alguém cujo trabalho foi uma imposição (como no caso de Adão e Eva), mas alguém cujo gasto diário de energia é descrito em sua penosa agonia e sua empolgante criatividade. Ele é o primeiro empreendedor, o primeiro a nos mostrar como exercer a fé no local de trabalho, o primeiro a sonhar, inventar e implementar. Jacó é o primeiro sonhador cujas visões noturnas são descritas de forma explícita. Ele é o primeiro a nos dar detalhes íntimos da experiência do leito de morte, o primeiro a revelar seu último desejo e seu testamento. Mas há outras razões pelas quais essa história nos liga a ela de maneira pessoal.

Jacó é um dos personagens mais irresistíveis na Bíblia porque está psicologicamente muito presente em nós.⁵ Ele é, na verdade, um de nós. Ele tem as mesmas fraquezas, os mesmos desejos, anseios, ambigüidades e necessidades. À medida que se manifesta, sua vulnerabilidade é sua forma de estar aberto a Deus. O filósofo alemão Adolf Alexander Schroeders afirma, enigmáticamente, de um modo que Jacó endossaria: “Meu fardo é que me carrega”.⁶

A história de Jacó é tão universal porque é muito pessoal. Ele cresce ao lado de um pai emocionalmente distante e é muito ligado à mãe. A família é dividida e desestruturada. Embora o casamento de seus pais tenha sido por amor, eles foram se afastando emocionalmente um do outro, passando a buscar intimidade e refrigério em um filho favorito. Um pai distante, uma mãe superprotetora, um irmão dominador, esposas que ele não consegue agradar, um sogro manipulador, filhos alienados uns dos outros — este é o material que compõe não apenas

a história de Jacó, mas, na maioria das vezes, a nossa própria. É nessa complexidade tumultuada de vida familiar que a própria identidade de Jacó, sua vocação e sua espiritualidade são forjadas e construídas. Somos informados de cada detalhe, dos sussurros na tenda em noite enluarada às orações de pânico na véspera de um encontro decisivo. Porém, mais importante que isso, nós adentramos o próprio Jacó para descobrirmos sua razão de viver.

A bênção

O que move Jacó é o desejo de conhecer a bênção de Deus.⁷ Abençoar não é apenas desejar coisas boas a outros ou falar bem de alguém, mas é de fato transmitir um bem positivo e espiritual. Confessadamente suas motivações — assim como as nossas — são dúbias, mas ele quer a bênção de todo o seu coração. Alguns personagens parecem determinados a desviar essa bênção. E é somente através de uma intriga, ou melhor, de uma iniciativa astuta que a vontade de Deus é feita. Rebeca toma todas as providências para que o filho mais novo receba a bênção. Jacó conspira a fim de prover a subsistência de sua família e vê nisso um aspecto palpável da bênção. Os filhos de Jacó resgatam a irmã através de uma trapaça, depois de ela haver sido seqüestrada e estuprada. As palavras de Jesus na parábola do servo que fez amigos com o dinheiro do seu senhor antes de ser demitido talvez sugiram que ele foi elogiado por sua *astúcia*. Jesus lamentou que as pessoas deste mundo são “mais astutos no trato entre si do que os filhos da luz” (Lc 16.8). Jacó é um crente astuto.

A busca pela bênção é o motor que move a fé nessa história. Jacó quer a bênção de seu pai. Esaú, seu irmão, também a quer. Na verdade, Esaú quer a bênção de ambos os pais, e tenta obtê-la casando-se com mulheres que, ele pensa, serão, com o tempo, mais aceitas por sua mãe e seu pai (e elas não o são!). Lia quer a bênção de Jacó. Jacó quer a bênção de Esaú, mas o havia

enganado e fugido dele. Os filhos de Lia (a esposa menos amada) querem a bênção de seu pai. São levados a arquitetar planos para endireitar o que está errado na família, incluindo a retaliação contra o estupro de Diná e o episódio protagonizado por Rúben e a serva de Lia (que também era concubina de Jacó) a fim de obter direitos e bênçãos na família. Mas, na verdade, o desejo pela bênção de Deus é que é o estímulo primeiro, o motivo supremo.

A fim de receber essa bênção, Jacó toma a iniciativa em relação a Deus, em vez de esperar passivamente. Seu nome significa “aquele que agarra” ou “aquele que agarra pelo calcanhar” e está relacionado às circunstâncias de seu nascimento (ele veio ao mundo agarrado ao calcanhar de seu irmão gêmeo).⁸ A intensidade com a qual Jacó busca a bênção de Deus, no entanto, faz dele um verdadeiro lutador-de-Deus. Ele persegue a Deus, chega até mesmo a dar encontrões em Deus.⁹ O epicentro da paixão de Jacó por Deus se encontra na cena pungente e principal no vau de Jaboque, onde ele luta com Deus. Ele diz a Deus: “Não o deixarei partir até que me abençoe”.

A história dentro da história

Para aqueles que não estão familiarizados com Gênesis 25-35, eu preparei uma árvore genealógica e um breve resumo nos apêndices A e B. Jacó é, claro, um patriarca. E a história está localizada no Pentateuco (os primeiros cinco livros da Bíblia) exatamente para nos falar sobre a manifestação da promessa de Deus. Essa promessa tem três partes: tornar-nos frutíferos, dar-nos uma vocação terrena no país (no mundo) e abençoar todas as nações. Deus deseja que tenhamos uma vida repleta de bênçãos.

Gênesis revela a aliança irrevogável de Deus com os patriarcas a fim de fazer deles uma nação que seria luz e bênção para a terra e todas as nações. As três partes da promessa — o povo, a

nação e a bênção do mundo – foram passadas de Abraão a Isaque, a Jacó e a seus filhos, inclusive seus netos nascidos no Egito, Efraim e Manassés. Esta é a força motriz da narrativa. Ela começa (surpreendentemente) com: “Esta é a história da família de Isaque, filho de Abraão” (pai de Jacó, Gn 25.19), mas era costume, nesse tipo de literatura, contar a história dos líderes das famílias através de seus filhos.¹⁰ Inicialmente, a história não é um estudo psicológico nem uma biografia espiritual (embora Gênesis 25–50 faça isso – o que é muito interessante). À medida que mergulhamos no texto, às vezes sugiro explicações contemporâneas que o autor provavelmente não tinha em mente, mas que são esclarecedoras para nossa espiritualidade diária.¹¹ O cerne da história – que eu desejo manter sempre em destaque – é a determinação absoluta de Deus de abençoar a raça humana. Deus faz isso se concentrando em uma família que personificaria essa bênção a fim de que, por meio dela, toda a raça humana, até a nossa geração, fosse abençoada.

Um dos grandes temas do livro é que Deus quer abençoar, a despeito de merecimento ou posição na constelação das famílias. A paixão de Deus é pródiga, totalmente perdulária. O apóstolo Paulo (no Novo Testamento) afirma que, na verdade, Jacó, e não Esaú, foi abençoado “a fim de que o propósito de Deus conforme a eleição permanecesse, não por obras, mas por aquele que chama” (Rm 9.11-12). Dizer, conforme a Bíblia repete várias vezes, “o Deus de Abraão, Isaque e Jacó”, conhecendo-se os personagens envolvidos, é dizer que Deus se associa com pessoas muito imperfeitas. Em outras palavras, estamos no território das boas notícias. Tudo isso acontece não por se estar exposto a proposições acerca de Deus, mas por se estar incluído em uma história que tem começo, meio e fim.

Uma obra-prima oral

Essa história é uma obra de arte oral, lindamente construída

em volta de um círculo que começa e termina, mas que possui simetrias internas. Nas notas no final do livro, sugiro em mais detalhes como o autor a elaborou, além de outras questões de ordem acadêmica. Um exemplo do padrão é como Gênesis 25.19-34 começa: com a busca de um oráculo de Deus (Rebeca indo a um profeta ou ao altar da família para descobrir o que Deus teria a dizer sobre a agitação em seu ventre); segue-se outro oráculo, desta vez já cumprido, e Raquel tendo complicações no parto (35.1-22).¹² Ao deixar o país, Jacó encontra anjos em uma escada entre o céu e a terra; ao retornar, ele encontra dois anjos e chama o lugar de Maanaim – “Dois Campos”. O autor (quer tenha sido Moisés sozinho ou Moisés junto com seus discípulos)¹³ intercalou com muita habilidade vários temas, de modo a formar um tecido único – engano, infertilidade, tensão, bênçãos usurpadas, lutas e reconciliações.

Trata-se de uma obra-prima do contar histórias que nos convida a mergulharmos na visão de mundo do narrador, que está totalmente absorta em Deus. E no processo nos tornamos mais humanos, mais inteiros. Bruce Waltke sugere: “Porque a individualidade vem à tona à medida que a vida se desenrola, a possibilidade de se perceber a identidade pessoal surge do observar a vida do outro de modo completo e claro”.¹⁴

Jacó é conhecido de modo “completo e claro”. Em meio a todas as vicissitudes, armações, manipulações, astúcias e atividades empreendedoras, os seres humanos parecem ir encontrando seu próprio caminho. Na verdade, essa luta por Deus parece ser algo central na busca humana por ele. Deus não quer servos submissos, mas filhos e filhas apaixonados por ele. Há um mistério nisso – um Deus apaixonado que procura por pessoas apaixonadas.

Na realidade, contudo, é Deus quem tem a última palavra. Michael Fishbane resume isso de maneira brilhante:

Com razão, nenhum fogo que não tenha sido prometido é roubado do céu. Pelo contrário — aqueles que Deus escolheu foram bem-sucedidos. Mas, na obscuridade do tempo histórico e por causa das intervenções divinas limitadas, a percepção das promessas divinas parece depender da ação humana. Apenas essa perspectiva de narrativa — a graça divina que ora se revela de maneira generosa, ora se oculta — dá ao Ciclo de Jacó seu poder mais abrangente.¹⁵

A fé é uma conspiração graciosa entre Deus e a pessoa que busca, uma caçada que se dá de ambos os lados, uma sinfonia de vontades. Estamos envolvidos. O reino de Deus, como Jacó e nós bem sabemos, não é para os que estão levemente interessados, e sim para os desesperados. Jesus disse: “os que usam de força se apoderam dele” (Mt 11.12). Embora o método de Jacó não seja sempre o correto, no fundo do coração ele quer a bênção de Deus — e a deseja não de maneira supersticiosa, mas na realidade da vida cotidiana: o comum, o necessário e o mundano.

Pelo caminho eu reconheço minha dívida a muitos que têm me ajudado (muitos autores são citados nas notas) e a meus alunos no Regent College que ouviram essa história como parte de meu curso “Vida Cotidiana”. Aprecio de maneira especial a ajuda de meu colega David Clemens e de meu pastor-amigo Brian Morgan com o texto hebraico. Ainda estou descobrindo a profundidade dessa dívida. Minha experiência através dos anos de leitura, reflexão e ensino da Bíblia é descrita com muita propriedade pelo autor judeu Isaac Bashevis Singer:

Sempre que pego minha Bíblia na estante e começo a lê-la, não consigo colocá-la de lado. Sempre encontro novos aspectos, novos fatos, novas tensões e novas informações nela. Às vezes imagino que, enquanto durmo ou caminho, algum escriba escondido invade minha casa e acrescenta novas passagens, novos nomes, novos eventos neste livro maravilhoso.¹⁶

Jacó é o pródigo do Antigo Testamento que, assim como o filho pródigo descrito por Jesus no Novo Testamento (Lc 15.11-32), recebeu adiantado sua herança, foi para uma terra distante onde sofreu, caiu em si e voltou para casa. Ele encontra a si mesmo e ao Pai ao mesmo tempo. Essa história maravilhosamente evocativa nos convida a uma dupla volta ao lar, que tem paralelo com a dupla volta ao lar que Jacó experimenta: de volta ao lar para Deus, e de volta ao lar para nós mesmos. Não podemos ter uma sem a outra.

1. No Nascimento — a história de Rebeca

GÊNESIS 25.19-28

A finalidade do casamento e da família é nos tornar realistas.

MICHAEL NOVAK

A história de Jacó, assim como a nossa, começa em um ventre duplo: o de uma mãe e o de um Deus Criador amoroso. Como Eva disse há muito tempo, “alcancei do Senhor um varão” (Gn 4.1). Mas Adão também estava envolvido. Nascimentos virginais são raros. A concepção normalmente acontece por meio do abraço amoroso de um homem e uma mulher que contribuem, como co-criadores, com uma conspiração divino-humana.

Dois espermatozoides penetraram dois óvulos para formar Jacó e Esaú. Longe de serem gêmeos idênticos, eles eram muito diferentes, não só geneticamente como também espiritualmente. O grande mistério da história é por que Esaú, o mais atraente, não viria jamais a lutar com anjos ou ouvir Deus falar, e por que o menino mau, Jacó, lutaria com anjos, teria visões durante a noite, herdaria a terra e experimentaria a promessa e a bênção de Deus. Foi a natureza ou o ambiente? Ou ambos? Ou algo mais?